



Cãozinho de estimação

Antonio Carlos Tarquínio

Tenho uma amiga que perdeu seu cãozinho de estimação por falecimento há mais de ano. Logo que o perdeu e anunciou que o havia perdido, aconselhei adotasse outro.

Não parece que tenha seguido minha recomendação, já que vejo constantemente as fotos do animalzinho desencarnado em postagens ininterruptas nas redes sociais.

A atitude fala por si.

Entre o passado e o presente — ela escolheu o passado. Entretanto, o passado já não é mais...

Você vai me dizer: Puxa! Todo mundo tem direito ao luto. OK. Mas, quanto tempo durará essa homenagem ao ser querido que se foi?

O caso é que, enquanto sofremos presos ao que passou, os abrigos seguem abarrotados de animais implorando por uma nesga de atenção, uma gota de amor...

E isso tudo por quê? Porque queremos que o que morre permaneça vivo. No entanto, é da essência das coisas não permanecer. A única constante neste mundo é a mudança, a impermanência.

Como observou certa vez Antonino: “Uva verde, uva madura, uva-passa; tudo são mudanças, não para o não-ser, mas para o que ainda não é”¹.

Ninguém há de chorar porque a oliveira deu azeitonas. E um dia a própria oliveira descansará também...

¹ Meditações, Marco Aurélio, XI, 35.

Deixemos o passado para trás e abracemos o presente com todas suas possibilidades de sorrirmos, de amarmos, de sermos felizes!